

Entre o passado e o futuro

: a incorporação da China à economia mundial capitalista

Marco Aurélio dos Santos

Pós-doutor em História pela Universidade de São Paulo

Resumo

O artigo tem como objetivo analisar aspectos cruciais da incorporação da China à economia mundial capitalista durante o denominado "século da humilhação" (1839-1949). Esse período histórico serviu como referência para diversas lideranças chinesas que, a partir da década de 1970, implementaram reformas econômicas estruturais, resultando em um notável crescimento econômico. Sem a intenção de esgotar um tema tão vasto e multifacetado, consideramos incorporação e modernização como elementos paradigmáticos para compreender as profundas e significativas mudanças ocorridas em um país que enfrentou experiências traumáticas nos séculos XIX e XX.

Palavras-chave Modernização – Incorporação – China – Imperialismo.

Submissão

22/02/2024

Aprovação

17/06/2024

Publicação

12/07/2024

Between Past and Future: China's Incorporation into the Capitalist World Economy

Abstract

The article aims to analyze crucial aspects of China's incorporation into the capitalist world economy during the so-called "century of humiliation" (1839-1949). This historical period served as a reference for various Chinese leaders who, starting from the 1970s, implemented structural economic reforms, resulting in remarkable economic growth. Without intending to exhaust such a vast and multifaceted topic, we consider incorporation and modernization as paradigmatic elements to comprehend the profound and significant changes that occurred in a country that faced traumatic experiences in the 19th and 20th centuries.

Keywords Modernization – Incorporation – China – Imperialism.

Entre el pasado y el futuro: la incorporación de China a la economía mundial capitalista

Resumen

El artículo tiene como objetivo analizar aspectos cruciales de la incorporación de China a la economía mundial capitalista durante el denominado "siglo de la humillación" (1839-1949). Este período histórico sirvió como referencia para diversos líderes chinos que, a partir de la década de 1970, implementaron reformas económicas estructurales, resultando en un notable crecimiento económico. Sin la intención de agotar un tema tan vasto y multifacético, consideramos la incorporación y la modernización como elementos paradigmáticos para comprender los profundos y significativos cambios ocurridos en un país que enfrentó experiencias traumáticas en los siglos XIX y XX.

Palabras clave Modernización – Incorporación – China – Imperialismo.

Introdução

A modernização chinesa começou a tomar forma no final da década de 1970. A partir de então, as mudanças na economia e na sociedade chinesas seriam intensas e transformariam o país numa potência econômica e militar e num player global da mais alta relevância.

Nas décadas de 1970 e 1980, a China normalizou suas relações diplomáticas com os EUA e o Japão, mas enfrentava tensões com a União Soviética, o Vietnã e Taiwan.¹ Internamente, transcorria um significativo debate sobre a modernização das “forças produtivas”.² Reformas para concretizar uma nova estrutura econômica na China levaram o governo do Partido Comunista Chinês a pensar em ações para investir mais em educação, financiar o estudo de chineses no exterior, especialmente nos EUA, modernizar os equipamentos agrícolas e industriais, estimular métodos de administração e produção mais eficientes no campo e nas cidades, com a possibilidade de demitir trabalhadores incapazes, e incrementar a defesa nacional. Num país cuja maior parte da população era vinculada a atividades agrícolas, abriu-se a possibilidade de os camponeses se apropriarem de excedentes com vistas a obter algum lucro. Além disso, o governo permitiu que surgissem mercados locais e criou um sistema de responsabilidade familiar que ensejou algum controle privado sobre a terra e a produção agrícola. O resultado foi um aumento da produtividade no campo, com o desenvolvimento de políticas de modernização voltadas para o setor rural.³

Todas essas medidas na área da política exterior e no âmbito doméstico foram debatidas no 3º Pleno do XI Congresso do Partido Comunista Chinês (PCC), realizado no final de dezembro de 1978, mas esses debates foram a síntese de experiências concretas e preocupações reais dos dirigentes do partido desde pelo menos o fim da década de 1960. O documento final do encontro apontou para uma “modernização socialista”, esboçando uma nova etapa da história da China. Propunha-se uma alteração no foco de todas as atividades do PCC, enunciando uma revolução partidária e

- 1 SPENCE, J. D. *Em busca da China Moderna: quatro séculos de História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 613.
- 2 WEBER, I. M. *Como a China escapou da terapia de choque: o debate da reforma de mercado*. São Paulo: Boitempo, 2023. p. 236-237, 332.
- 3 SPENCE, J. D. *Em busca da China Moderna: quatro séculos de História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 610-615; WEBER, I. M. *Como a China escapou da terapia de choque: o debate da reforma de mercado*. São Paulo: Boitempo, 2023. p. 243-245.

econômica que foi comparada a uma nova Longa Marcha, cujo objetivo central seria superar o atraso chinês.⁴ Essas orientações levaram Deng Xiaoping, então consolidando sua liderança, a uma viagem exitosa aos Estados Unidos em janeiro de 1979. Entre idas e vindas, a normalização com os norte-americanos foi concluída em 17 de agosto de 1982. O líder chinês também conferenciou em Tóquio com o primeiro-ministro japonês no ano de 1979. A China ajustava seu posicionamento no cenário mundial e lançava as bases para seu espetacular crescimento econômico interno.⁵

Foi nesse contexto complexo que se colocou em prática uma medida que impulsionaria a economia desse país asiático: as Zonas Econômicas Especiais (ZEE). Em abril de 1979, nas províncias de Guangdong e Fujian, um grupo de trabalho criou o que se chamou inicialmente de “zonas especiais de exportação”. Historicamente, essa região, que abrigava o delta do rio das Pérolas, foi a porta de entrada para a incorporação da China à economia mundial capitalista. Porém, como será discutido ao longo deste artigo, essa incorporação pautada pelas diretrizes aplicadas às ZEE não ocorreu nos mesmos moldes que aquela que teve início após a Guerra do Ópio (1839-1842).

As ZEE deveriam abrigar investimentos estrangeiros em portos estrategicamente localizados nas duas províncias acima mencionadas. Como contrapartida, o governo chinês se comprometia a garantir benefícios fiscais e financeiros e a fornecer mão de obra barata e bem treinada para trabalhar nas unidades industriais que deveriam surgir a partir de então. Num contexto de complexificação das relações internacionais, a China lançava, com as ZEE, as bases para consolidar uma mudança estrutural em sua economia. Num primeiro momento, o impacto das importações provocou um preocupante déficit da balança comercial. Afinal, era preciso, entre outras ações, importar máquinas para modernizar o campo e as cidades. Mas, já nos primeiros anos da década de 1980, o déficit se reverteu e as exportações explodiram. A partir de meados desta década, marcada por altos e baixos na balança de pagamentos e por diversos problemas econômicos, como a inflação, a China começou a trilhar o caminho para se tornar líder na produção industrial e nas exportações. Aos poucos, as ZEE se expandiram para outras cidades, impulsionando o avanço chinês.⁶ É crucial destacar que as reformas econômicas incluíam a transferência de poder de decisão para as áreas

4 As Quatro Modernizações, proferidas por Deng Xiaoping no referido Congresso do PCC envolviam a agricultura, a indústria, a ciência e tecnologia e a defesa nacional. Elas foram escritas por Deng Xiaoping e Zhou Enlai e anunciadas em janeiro de 1975, no IV Congresso Nacional do Povo. Posteriormente, foram novamente debatidas no 3º Pleno do XI Congresso do PCC. MARTI, M. E. *A China de Deng Xiaoping*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2021. p. 281.

5 SPENCE, J. D. *Em busca da China Moderna: quatro séculos de História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 612-615; MARTI, M. E. *A China de Deng Xiaoping*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2021.

6 SPENCE, J. D. *Em busca da China Moderna: quatro séculos de História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 622-630.

designadas como zonas econômicas especiais, proporcionando um nível significativo de autonomia das regiões contempladas em relação ao governo central.⁷

Ao longo de sua trajetória, a modernização chinesa suscitou muitas dúvidas conceituais. “Capitalismo de Estado”, “socialismo de mercado”, “economia socialista de mercado” e “modernização socialista” foram algumas das denominações com que especialistas se referiam ao espetacular crescimento econômico da China.⁸ Em 1992, durante o período em que Deng Xiaoping buscava reassumir o controle sobre a política econômica da China, Jiang Zemin, seu aliado, apresentou o conceito de “economia de mercado socialista” em um discurso proferido em 6 de junho na Escola Central do Partido Comunista Chinês.⁹ Independentemente do quadro conceitual que se adote, é certo que a modernização chinesa procurou enfrentar problemas econômicos de um país que historicamente contou com uma imensa população e que, desde meados do século XIX, apresentou entraves ecológicos sérios ao crescimento econômico. Desde que começou a ser concebida, em meados dos anos 1970, a modernização chinesa vem combatendo os problemas da pobreza, do atraso tecnológico, das questões ambientais que entravam a economia e da fragilidade militar que fez o país se prostrar diante das agressões das potências ocidentais e do Japão.

A partir da conhecida Guerra do Ópio (1839-1842) até o fim da guerra civil, em 1949, a China viveu um longo período de crises e ataques externos que deixaram marcas profundas. Assim, podemos entender por que recentemente o atual presidente chinês Xi Jinping afirmou, logo após ser confirmado para seu terceiro mandato à frente da República Popular da China, que ele procuraria fazer das Forças Armadas e dos militares uma “muralha de aço” para proteger a soberania, a segurança e os interesses do país.¹⁰ A metáfora da “muralha de aço” reverbera um passado de sofrimento e agressões contra os chineses. Os países imperialistas atacaram a China e impuseram uma série de tratados insidiosos, forçando uma abertura comercial que prejudicou enormemente a economia e a estabilidade política do país asiático. Além disso, a agressividade japonesa, especialmente com as graves violações cometidas ao longo da ocupação na década de 1930, marcaram indelevelmente a sensibilidade chinesa.

Compreender esse passado como um “século da humilhação” é um caminho para se entender questões atuais da China, especialmente o caso de Taiwan, ainda em aberto

7 MARTI, M. E. *A China de Deng Xiaoping*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2021. p. 17-18.

8 A bibliografia é vasta a esse respeito. Uma indicação recente, em português, é o livro MUSSE, R. *China contemporânea: seis interpretações*. Belo Horizonte, Autêntica, 2021.

9 MARTI, M. E. *A China de Deng Xiaoping*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2021. p. 160.

10 *O ESTADO DE SÃO PAULO*. “Xi diz que Exército é ‘muralha de aço’ e enfatiza rivalidade com o Ocidente”. São Paulo, 14 mar. 2023, no. 47.264. p. A13.

nas relações internacionais do país. Segundo Kishore Mahbubani, os vestígios do “século da humilhação” que a China vivenciou foram resolvidos, incluindo os casos de Macau e Hong Kong. Só resta apenas um imbróglio: Taiwan.¹¹ Portanto, estudar esse período significa compreender um passado que deixou profundas marcas na sensibilidade dos governantes chineses, sendo lembrado até hoje como um tempo de aprendizado que não deve ser esquecido.

Como se sabe, a modernização da China tem atravessado as últimas décadas, alterando a dinâmica das relações geopolíticas e da economia mundial capitalista. Neste artigo, o conceito de modernização refere-se ao esforço de um “país atrasado” para superar seus entraves ecológicos, econômicos, militares e institucionais, visando a competir em um sistema interestatal cada vez mais global, violento e economicamente disputado. Trata-se, portanto, de compreender as tentativas para se realizar um processo histórico de emparelhamento com o intuito de viabilizar uma “arrancada de industrialização”.¹² Em termos mais específicos, a modernização está associada (a) à tomada de consciência da classe política de um país no sentido de fortalecimento da economia;¹³ (b) a um processo de industrialização que envolve vários setores econômicos (inclusive o financeiro) e incremento tecnológico adventício e (c) ao investimento nas forças armadas. Se esses três itens vão levar a resultados exitosos no que diz respeito ao crescimento econômico e seus corolários é algo que precisa ser analisado na situação histórica específica de cada país.

Isso posto, o principal objetivo deste artigo é analisar aspectos cruciais da incorporação da China à economia mundial capitalista no *longo século XIX*.¹⁴ Esse

11 MAHBUBANI, Kishore. *A China venceu? O desafio chinês à supremacia americana*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2021. Recentemente, o porta-voz do Ministério das Relações Exteriores da China declarou que “a independência de Taiwan e a paz e a estabilidade no Estreito de Taiwan são coisa mutuamente excludentes”. *O ESTADO DE SÃO PAULO*. “Paz e independência de Taiwan são incompatíveis, ameaça China”. São Paulo, 11 abr. 2023, no. 47.292. p. A11. É crucial notar a orientação das manchetes de jornais como *O Estado de São Paulo*. Sem o contexto histórico, a compreensão das ações chinesas são vistas como um movimento da China contra o Ocidente. O que este artigo pretende demonstrar é que o passado histórico é uma referência importante para se entender as ações governamentais chinesas para proteger sua soberania

12 GERSCHENKRON, A. *O atraso econômico em perspectiva histórica e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Contraponto: Centro Internacional Celso Furtado, 2015. p. 79; 103.

13 A conscientização por parte dos setores políticos de um país específico impõe uma reconfiguração institucional em comparação com o período anterior. Em outras palavras, as funções do Estado devem se ajustar a um processo de transição que visa, principalmente, ao fortalecimento da economia. Segundo Peer Vries, durante esse processo, o Estado adquire uma configuração autoritária. Em resumo, a eficácia do processo econômico de modernização se intensifica com uma estrutura estatal exclusiva e não inclusiva. Do ponto de vista ideológico, o nacionalismo adquire, nessa realidade, uma importância crucial para mobilizar “corações e mentes” VRIES, P. *Averting the Great Divergence. State and Economy in Japan, 1868-1937*. London, Bloomsbury Publishing Plc, 2020. p. 83-90. No caso específico da China, a tese deste artigo é de que a classe política “moderna” da dinastia Qing encontrou sérios obstáculos, de diversas ordens, para impor uma ideologia da modernização num país que enfrentou um contexto histórico específico de atraso e agressões externas.

14 O conceito de incorporação foi definido por Immanuel Wallerstein, especialmente nas primeiras páginas do capítulo 3, “The incorporation of Vast New Zones into the World-Economy: 1750-1850” WALLERSTEIN, I.

passado serviu como referência histórica para diversas lideranças chinesas que, a partir da década de 1970, conduziram reformas econômicas estruturais que levaram a China a um crescimento espetacular de sua economia.¹⁵ Sem pretender esgotar um assunto tão vasto e com inúmeras possibilidades de análise, consideramos incorporação e modernização elementos paradigmáticos para entender as profundas e significativas mudanças ocorridas num país que enfrentou experiências traumáticas ao longo dos séculos XIX e XX. A partir do final da década de 1970, a China vem buscando superar vários obstáculos que limitaram seu crescimento econômico ao longo de sua recente história de incorporação à economia mundial capitalista. Portanto, o artigo busca usar o passado traumático vivenciado pela China para entender o fortalecimento do país nas últimas décadas.

Entre o passado e o presente: o “século” da humilhação (1839-1949)

A dinastia Qing ascendeu ao poder em meados do século XVII. Ela se iniciou com a investida dos manchus, um povo que invadiu Pequim em 1645 e, a partir desse momento, iniciou uma perseguição aos antigos governantes Ming. Esse momento da história chinesa foi marcado por uma considerável instabilidade política e social.¹⁶ A estabilização da economia chinesa ocorreu na passagem dos séculos XVII para o XVIII. Ao longo desse último século, três episódios destacam a dinâmica das relações internacionais chinesas num mundo já fortemente influenciado pelo expansionismo europeu. O primeiro episódio remete a um incidente ocorrido em 1746 com uma nau da marinha britânica atingida por uma tempestade. A embarcação sofreu severos danos, sendo obrigada a aportar em Cantão. A tripulação enfrentou hostilidades da população

The Modern World-System III: the Second Era of Great Expansion of the Capitalist World-Economy, 1730-1840s. San Diego, California: Academic Press, Inc. 1989. Esse conceito é válido para a ação dos países imperialistas no século XIX e se encaixa ao caso da China. Contudo, para o período “anterior” à Era das Revoluções (grosso modo, o período anterior a 1776), esse conceito não é preciso para explicar as diferentes conexões mundiais construídas pela globalização. Para se compreender esse outro período histórico, pode-se realizar uma abordagem holística “da história mundial, considerando a existência de um mercado mundial com uma rede mercantil afro-euro-asiática em funcionamento (algo diferente da concepção wallersteiniana de expansão do mercado mundial a partir da Europa, por exemplo)”. A essa rede mercantil afro-euro-asiática, deve-se acrescentar a América e o espaço Atlântico. SANTOS, M. A. dos. “Comparando e integrando: entre o crescimento econômico, a história global e a Grande Divergência”. *Esboços*, Florianópolis, v. 27, n. 44, p. 115-129, jan./abr. 2020.

15 MAHBUBANI, K. *A China venceu? O desafio chinês à supremacia americana*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2021.

16 “A contração do século XVII ocorreu dentro de uma economia-mundo capitalista em funcionamento, em prossecução”, escreveu Wallerstein. WALLERSTEIN, I. *O sistema mundial moderno: o mercantilismo e a consolidação da economia-mundo europeia, 1600-1750*. Porto: Edições Afrontamento: 1975. p. 28. Crise ou contração? Independente do conceito que se usa, é importante levar em conta uma perspectiva holística para a “crise do século XVII”. Tensões macroestruturais estavam em movimento e atingiram diversas partes do mundo. A mudança de poder na China pode ser considerada um exemplo disso.

local, sendo forçada a comprar mercadorias a preços elevados e enfrentando dificuldades para reparar as avarias para a continuação da viagem.

O segundo episódio, de 1759, envolveu a missão de James Flint, mercador que conhecia a língua chinesa e trabalhava para a Companhia das Índias Orientais. Enviado à China para formalizar queixas sobre restrições comerciais impostas aos estrangeiros em Cantão e reclamar da corrupção nos portos da região, Flint navegou para Ningko e Tianjin, conseguindo enviar suas reclamações a Pequim. Ao retornar a Cantão, foi detido por três anos “por desobedecer aos regulamentos dos Qing contra a navegação para os portos do Norte, por apresentar petições impróprias e por ter aprendido chinês”.¹⁷ Por essa época, as compras de chá da Companhia aumentavam e os pagamentos do produto em prata geravam fortes reclamações de comerciantes e membros do governo britânico.¹⁸

Por fim, o terceiro episódio se passou entre setembro de 1792 e junho do ano seguinte, quando Lord George Macartney, homem de grande experiência diplomática e que na ocasião trabalhava para a Companhia das Índias Orientais, viajou à China com mercadorias britânicas, produtos da Revolução Industrial em desenvolvimento naquele país. Em Pequim, ao encontrar-se com o imperador, reverenciando-o tal como deveria fazer com o rei britânico Jorge III,¹⁹ Macartney apresentou suas reivindicações, buscando autorização para que representantes estrangeiros pudessem residir em Pequim e solicitando o fim do sistema comercial de Cantão e a abertura de novos portos ao comércio. A resposta de Qianlong,²⁰ o imperador da época, reflete a postura chinesa frente a um sistema interestatal que passava por profundas transformações. Disse o imperador que os chineses nunca deram “valor a artigos engenhosos”, nem tinham “a menor necessidade das manufaturas” da Grã-Bretanha. E continuou: “portanto, ó rei, no tocante à tua solicitação de enviar alguém para permanecer na capital, ao mesmo tempo que não está em harmonia com o Império Celestial, sentimos também que isso não trará nenhuma vantagem para o teu país”.²¹

17 SPENCE, J. D. *Em busca da China Moderna: quatro séculos de História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

18 WALLERSTEIN, I. *The Modern World-System III: the Second Era of Great Expansion of the Capitalist World-Economy, 1730-1840s*. San Diego, California: Academic Press, Inc. 1989.

19 Sobre a reverência ao imperador Qianlong, Jung Chang informa que não é certo afirmar que ela ocorreu ao modo ocidental e que as fontes são imprecisas a respeito. É possível que Macartney tenha feito o obrigatório *san-gui-jiu-kou*, a reverência em que seria necessário ajoelhar-se três vezes diante do imperador e tocar com a cabeça no chão por nove vezes. CHANG, J. *A imperatriz de ferro: a concubina que criou a China moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

20 Qianlong governou a China entre 1736 e 1796.

21 SPENCE, J. D. *Em busca da China Moderna: quatro séculos de História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 134.

As investidas ocidentais a postos comerciais na Ásia remontam ao século XVI. Contudo, a partir de meados do século XIX, diversos países do Atlântico Norte, especialmente a Grã-Bretanha, começaram a reconfigurar as relações até então existentes com esse continente. Os três episódios mencionados destacam que, até o final do século XVIII, a China ainda conseguia garantir a soberania sobre seu território, impedindo o avanço dos interesses comerciais de empresas ocidentais, como a referida Companhia Britânica das Índias Orientais. A política de contenção comercial nos portos chineses permaneceu em vigor no reinado de Jiaqing (1799-1820), filho de Qianlong. Na Europa, ocorria uma guerra de caráter continental, as guerras napoleônicas, o que resultou na desaceleração dos avanços ocidentais em direção à Ásia.

Contudo, o filho de Jiaqing, Daoguang, que governou a China entre 1821 e 1850, enfrentou o maior desafio da história chinesa: o avanço dos interesses comerciais britânicos, resultando no conflito que ficou conhecido como Guerra do Ópio (1839-1842). A partir desse momento, a China sangraria por pouco mais de cem anos, quando diversas potências ocidentais avançariam sobre o território chinês, desestabilizando política e economicamente o país.

A economia chinesa já apresentava sinais evidentes de fragilidade antes da Guerra do Ópio. Peer Vries analisou a situação da produção e exportação de diversos bens chineses, concluindo que a China estava, já em meados do século XVIII, se consolidando como um país exportador de chá, produtos semimanufaturados e matérias-primas.²² A pesquisa de Shi Zhihong mostrou claramente o aumento exponencial da exportação de chá ao longo do século XVIII, indicando que essa commodity se integrara às cadeias de mercadoria da economia-mundo capitalista bem antes da Guerra do Ópio, tornando-se o principal produto de exportação da China.²³ Contudo, é inegável que o passado de humilhações teve na Guerra do Ópio, durante o governo do imperador Daoguang, um marco inicial para se entender a incorporação traumática da China à economia mundial capitalista. Apesar disso, já se observava uma insidiosa “periferização” da China antes desse conflito, evidenciada pelas pautas de produção e exportação chinesas.

Quem criou as bases para a abertura forçada do comércio chinês foi a Companhia Britânica das Índias Orientais. O ópio na China iria mudar drasticamente a situação do Sistema Comercial de Cantão e a relação entre a China e a Grã-Bretanha. A entrada da droga aconteceu de modo sorrateiro. No final da década de 1810, Macau já era um porto

22 VRIES, P. *State, Economy and the Great Divergence: Great Britain and China, 1680's-1850's*. London: Bloomsbury Publishing Plc, 2015. p. 372.

23 ZHIHONG, S. *Agricultural Development in China: a Quantitative Study, 1661-1911*. Leiden: Brill, 2018. p. 123-126.

de acesso da mercadoria.²⁴ Na década de 1820, os comerciantes da Companhia Britânica das Índias Orientais descobriram no algodão e no ópio dois produtos que poderiam ser trocados por chá ao invés da prata.²⁵ A empresa britânica detinha o monopólio da compra de ópio indiano, embora optasse, muitas vezes, por conduzir um comércio indireto da droga por meio da venda de licenças a determinados comerciantes.²⁶ O comércio do ópio revolucionaria, a partir de então, as relações entre a China e os estrangeiros. Segundo dados levantados por Tâmis Parron, em 1828 a venda da droga alcançou 15 milhões de dólares, um valor próximo ao da exportação de algodão pelos Estados Unidos, que estava em torno de 22 milhões de dólares nesse mesmo ano. Foi nesse momento que a China começou a apresentar problemas com a prata que circulava em sua economia.²⁷

Na década de 1830, a entrada do ópio através do Delta do Rio das Pérolas tornara-se um sério problema para a China. A comoditização da droga fez a prata escoar para as mãos dos traficantes, muitos deles de origem britânica, invertendo um processo histórico de entrada de prata no país para a compra de mercadorias chinesas. Em outros termos, pode-se dizer que a economia chinesa se “despraticava”.²⁸ Em 1825, a situação já preocupava o centro do poder e causava uma desvalorização do cobre em relação à prata, moeda básica usada para diversos pagamentos na China. Dado que vários impostos regionais eram pagos em prata, isso implicava que a população precisaria pagar mais em cobre para quitar suas dívidas em prata, o que poderia causar inquietação e desconforto na população.²⁹ O governo chinês sempre se preocupou com o descontentamento popular e os motivos são evidentes. A alta densidade demográfica em várias partes do país tornava uma insurreição um perigo real, podendo resultar em

- 24 CARREIRA, E. “Navegação comercial entre o Brasil e a Ásia Portuguesa durante a estadia da corte no Brasil 1808-1821”. *Congresso internacional espaço Atlântico de antigo regime: poderes e sociedades*, 2-5 nov. 2005, Lisboa. *Actas...* Lisboa, 2005. Disponível em: <http://cvc.instituto-camoes.pt/ear/coloquio/comunicacoes/ernestina_carreira.pdf>. Acesso em: 08 jun. 2023; SANTOS, M. A. dos. “Reformismo Ilustrado, reorganização do ‘poderoso império’, e os primórdios da imigração chinesa para o Brasil (1808-1821)”. BUENO, A.; CZEPULA, K.; PERES, V. H. L.; PORTO, A. C. C. [Orgs.] *Chineses no Brasil, brasileiros na China: trajetórias em movimento*. Rio de Janeiro: Proj. Orientalismo/ UERJ, 2022.
- 25 VRIES, P. *State, Economy and the Great Divergence: Great Britain and China, 1680’s-1850’s*. London: Bloomsbury Publishing Plc, 2015. p. 368. DARWIN, J. *The Empire Project: the Rise and Fall of the British World-System, 1830-1970*. New York: Cambridge University Press, 2009. p. 41.
- 26 SPENCE, J. D. *Em busca da China Moderna: quatro séculos de História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 141.
- 27 PARRON, T. *A política da escravidão na era da liberdade: Estados Unidos, Brasil e Cuba, 1787-1846*. Tese (Doutorado) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. p. 353.
- 28 WALLERSTEIN, I. *The Modern World-System III: the Second Era of Great Expansion of the Capitalist World-Economy, 1730-1840s*. San Diego, California: Academic Press, Inc. 1989. p. 168.
- 29 SPENCE, J. D. *Em busca da China Moderna: quatro séculos de História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 160-161.

um banho de sangue. Portanto, a desvalorização do cobre em relação à prata poderia se tornar um problema caso não houvesse uma intervenção.

Em 1834, um evento no império britânico tornou o tráfico de ópio um negócio mais complexo. O fim do monopólio da Companhia Britânica das Índias Orientais resultou no aumento da chegada de ópio nos portos do Rio das Pérolas, intensificando o lobby para que o Estado apoiasse, com proteção militar, os interesses comerciais e financeiros de poderosas casas comerciais. Igualmente, as exigências de ordem econômica para que regiões do mundo se abrissem ao comércio recrudesceram. Outro fator que complicou as relações comerciais chinesas foi o aumento do número de comerciantes de outras nacionalidades envolvidos em negócios e no infame comércio de ópio nos portos do delta do Rio das Pérolas. Para tornar a situação mais complexa, o mundo vivia nessa época uma escassez geral de prata. O metal estava sendo drenado pelo comércio de ópio para as mãos de comerciantes das potências ocidentais, agravando a escassez da moeda e a desvalorização do cobre.³⁰

O fim do monopólio da Companhia Britânica das Índias Orientais é considerado um evento fundador do Estado moderno britânico, na visão do historiador Peer Vries. Estados pré-modernos tinham uma soberania dividida e sobreposta,³¹ o que significa que o governo central não tinha o monopólio exclusivo do uso da violência e da cobrança de impostos. Existiam “direitos” privados que exerciam essas ações, como as Companhias de Comércio que desempenhavam funções governativas e militares. O desmantelamento dos privilégios da Companhia Britânica das Índias Orientais faz parte de um processo de construção do Estado moderno britânico. A Companhia perdeu seus privilégios na Índia em 1813 e na China a partir de 1834. No entanto, ela continuou a governar extensões de terra na Índia até que a soberania do Estado britânico foi inteiramente estabelecida em 1858, após a revolta indiana de 1857.³² Esses eventos marcaram indelevelmente a história da China.

Em 1838, o imperador Daoguang resolveu agir na questão do consumo de ópio pelos chineses. Ele ordenou que o comércio de ópio fosse proibido, num movimento

30 DARWIN, J. *The Empire Project: the Rise and Fall of the British World-System, 1830-1970*. New York: Cambridge University Press, 2009. p. 39; SPENCE, J. D. *Em busca da China Moderna: quatro séculos de História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 160-161.

31 A distinção entre público e privado não era nítida nos Estados pré-modernos. Contudo, podemos observar que essa característica compósita do Estado pré-moderno começou a mudar na Grã-Bretanha, de modo mais incisivo, após o fim das guerras napoleônicas. Na China, a fragilidade do Estado desempenhou um papel determinante ao tornar o país suscetível às agressões das potências imperialistas. O caso chinês destaca-se como um exemplo de um Estado compósito e fragilizado, confrontando um aparato estatal que passava por um processo de transformação. Para a fragilidade do Estado chinês em comparação com o Estado britânico, conforme VRIES, P. *State, Economy and the Great Divergence: Great Britain and China, 1680's-1850's*. London: Bloomsbury Publishing Plc, 2015. p. 181-216.

32 VRIES, P. *State, Economy and the Great Divergence: Great Britain and China, 1680's-1850's*. London: Bloomsbury Publishing Plc, 2015.

que transformaria a história do país. Lin Zexu, um comissário imperial, foi designado para combater o tráfico e viajou para Cantão, o porto de entrada da droga. A missão de Lin Zexu, de certa forma, sacramentou um debate que existia em várias instâncias do governo chinês sobre a proibição ou legalização do comércio de ópio.³³

Lin Zexu chegou a Cantão em 10 de março de 1839 e começou a combater o comércio e o consumo de ópio. Ele ordenou a prisão de vários envolvidos no comércio da droga, incluindo Lancelot Dent e Willian Jardine. Contudo, Jardine, visto como inescrupuloso, astuto e dissimulado pelas autoridades chinesas, já havia partido em viagem de volta para a Grã-Bretanha.³⁴ Além disso, Lin iniciou operações para apreender cachimbos e ópio e agiu contra os *Cohong*, uma comunidade de mercadores chineses autorizados pelo governo a comerciar com os estrangeiros. Esses mercadores surgiram no início do século XVIII como parte do Sistema Comercial de Cantão, um modelo de administração criado pela dinastia Qing para lidar com estrangeiros que singravam o mar do sul da China e desejavam comercializar com os chineses. O comércio pelo Sistema de Cantão era restrito aos meses de outubro a março e, em 1754, cada *hong* recebeu a responsabilidade de fiscalizar o comportamento dos estrangeiros e pagar as taxas ao governo. Por meio desse sistema, Macau tornou-se uma cidade que abrigava comerciantes que se dirigiam, nos meses autorizados, à cidade de Cantão para realizar negócios. Contudo, na década de 1770, a pressão dos estrangeiros por uma maior abertura comercial começou a recrudescer. Os europeus, em déficit com suas transações, reclamavam das restrições e dos canais limitados para protestar contra possíveis problemas nas transações comerciais.³⁵

Nos primeiros meses de 1839, Lin Zexu organizou uma série de ações que impactou o tráfico da droga na região. No final de junho, a desorganização da atividade comercial britânica em Cantão era evidente. De imediato, ele exigiu que os envolvidos com o comércio entregassem as caixas de ópio e solicitou informações gerais sobre ilhas usadas para o armazenamento da droga antes de sua entrada na China. A ação não foi simples e a repressão foi implacável, inclusive com mercadores chineses identificados e punidos como participantes do infame comércio. Por sua vez, os traficantes rejeitaram a

33 SPENCE, J. D. *Em busca da China Moderna: quatro séculos de História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 160.

34 GRACE, R. J. *Opium and Empire: the Lives and Career of William Jardine and James Matheson*. Montreal: McGill-Queen's University Press, 2014. p. 230-231.

35 VRIES, P. *State, Economy and the Great Divergence: Great Britain and China, 1680's-1850's*. London: Bloomsbury Publishing Plc, 2015. p. 353. SPENCE, J. D. *Em busca da China Moderna: quatro séculos de História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 133. Alfredo Gomes Dias informa que o comércio em Cantão acontecia entre os meses de outubro e janeiro enquanto outros pesquisadores estendem o período de comércio até março. DIAS, A. G. *Diáspora macaense: Macau, Hong Kong, Xangai (1850-1952)*. Tese (Doutorado em Geografia) - Instituto de Geografia e Ordenamento do Território, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2011.

entrega do ópio, afirmando que a mercadoria era consignada. Os mercadores *hong* sentiam os efeitos da ação de Lin Zexu e o prejuízo comercial começava a impactar os bolsos de todos os envolvidos. A pressão surtiu efeito pró-repressão e os traficantes realizaram a entrega simbólica de 1.037 caixas. Apesar da entrega, a repressão continuou e Lin determinou que todos os portos fossem fechados ao comércio.

O prejuízo aos negócios da região tornou-se uma realidade com a ação do enviado do imperador. Com o comércio exterior suspenso, o próximo passo foi determinar que todos os empregados chineses que trabalhavam para estrangeiros pedissem demissão. Por fim, Lin ordenou que os estrangeiros em Cantão, incluindo alguns funcionários britânicos graduados, fossem impedidos de deixar a cidade. A intervenção deixava suas marcas nas relações comerciais da região. Diante dessa situação, o superintendente do comércio britânico, Charles Elliot, intermediou a entrega de pouco mais de vinte mil caixas de ópio, com a promessa de que o governo britânico repararia o prejuízo aos comerciantes. Como contrapartida, os estrangeiros, com exceção de dezesseis deles, foram autorizados a deixar Cantão, e o comércio foi retomado. Lin ordenou a destruição de todo o ópio recebido, um evento que levou cerca de três semanas de trabalho intenso. Por último, exigiu que Elliot assinasse uma garantia de que qualquer comerciante que trouxesse ópio para a China teria sua mercadoria confiscada e seria processado em um tribunal chinês, sujeitando-se à legislação do país. Elliot recusou-se a assinar e emitiu um aviso ordenando a retirada imediata dos britânicos de Cantão.³⁶

Toda a ação de Lin Zexu provocou uma forte reação dos traficantes britânicos. James Matheson, da empresa Jardine, Matheson & Co., abrigou-se em Macau e tentou retomar o comércio de ópio a partir da possessão portuguesa. Matheson possuía carregamentos da droga armazenados em Manila e planejava usar comerciantes norte-americanos como intermediários, visto que a comunidade dos Estados Unidos não estava sendo perseguida por Lin. Por certo tempo antes do início da guerra, comerciantes estadunidenses serviram de agentes intermediários em Cantão para a venda de algodão e a compra de chá e seda. Sua intenção era, também, encontrar, a partir de Hong Kong, outros portos para vender a droga. Além disso, a empresa tinha interesse em retomar o comércio de mercadorias permitidas, como o chá e a seda. Enquanto isso, outros comerciantes esperavam uma resposta mais rígida do governo

36 GRACE, R. J. *Opium and Empire: the Lives and Career of William Jardine and James Matheson*. Montreal: McGill-Queen's University Press, 2014. p. 230-242. SPENCE, J. D. *Em busca da China Moderna: quatro séculos de História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 163. CHANG, J. *A imperatriz de ferro: a concubina que criou a China moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. p. 45.

britânico para punir as ações de Lin, o que poderia levar a uma ação militar contra as iniciativas do comissário chinês.³⁷

Após a saída de Cantão em junho de 1839, muitos comerciantes britânicos refugiaram-se em Macau. Porém, a presença deles ainda incomodava Lin. Em agosto do mesmo ano, uma frota chinesa dirigiu-se à possessão portuguesa e os comerciantes foram obrigados, por segurança, a partir. Eles se refugiaram em Hong Kong, protegidos por uma fragata da *Royal Navy*. Em outros termos, a partir de agosto, ambos os lados realizavam operações militares que aumentavam a tensão regional. Ao mesmo tempo, as notícias das ações de Lin alcançaram William Jardine em Nápoles, no início de agosto. Quando chegou a Londres, em setembro, ele começou a articular o lobby junto a lorde Palmerston. O então ministro das Relações Exteriores, no entanto, estava mais preocupado com questões geopolíticas no Oriente Médio e na Ásia central que poderiam levar a um conflito com a França e a Rússia. Ele tinha profundo desconhecimento da situação comercial na China. Jardine procurou se esforçar ao máximo para acelerar o encontro com Palmerston, que ocorreu em 27 de setembro. Sua maior preocupação era propor uma expedição punitiva à China e garantir o pagamento do ópio apreendido aos traficantes britânicos, como prometera Elliot.³⁸ O resultado da reunião concretizou-se em primeiro de outubro. O governo do primeiro-ministro Melbourne decidiu por uma ação militar contra a China.³⁹

O ano de 1840 foi marcado pela instabilidade no comércio de Cantão. Comerciantes norte-americanos agiam como intermediários para capitalistas britânicos, porém o comércio permanecia interdito para esses últimos. Algumas movimentações militares de ambos os lados geraram conflitos. Elliot, ciente das intenções belicistas do gabinete Whig de Melbourne, agia para enviar as reivindicações britânicas ao imperador chinês. Em primeiro de outubro de 1840, Lin Zexu foi demitido, acusado de negligência por ter provocado as movimentações militares britânicas. Qishan, novo comissário do imperador, consentiu em iniciar tratativas com Elliot e o resultado consumou-se na Convenção de Chuenpi, publicada em 20 de janeiro de 1841. Os termos desse acordo desagradaram ambos os lados e cada governo demitiu seu enviado. De maneira geral, os

37 GRACE, R. J. *Opium and Empire: the Lives and Career of William Jardine and James Matheson*. Montreal: McGill-Queen's University Press, 2014. p. 242-244; 262.

38 Uma alternativa à indenização proposta por Jardine seria a "posse plena" na China de um território seguro que pudesse servir de base de operações para os comerciantes britânicos. Ele sugeriu, de início, a tomada da "pequena e acolhedora" ilha de Lantau, próxima a Hong Kong. GRACE, R. J. *Opium and Empire: the Lives and Career of William Jardine and James Matheson*. Montreal: McGill-Queen's University Press, 2014. p. 251-252.

39 GRACE, R. J. *Opium and Empire: the Lives and Career of William Jardine and James Matheson*. Montreal: McGill-Queen's University Press, 2014. p. 247-254. Embora a decisão tenha sido tomada no início de outubro, a ordem para mobilizar tropas a partir da Índia foi enviada em meados de fevereiro de 1840, após mais uma reunião entre Jardine e Palmerston.

termos atendiam aos interesses dos comerciantes britânicos, envolvendo a cessão de Hong Kong e o pagamento de uma indenização pelo governo chinês. Contudo, o imperador Daoguang entendeu que Qishan cedeu demais e lorde Palmerston, ministro das Relações Exteriores do Reino Unido, achou que Elliot conseguiu pouco. A tensão entre as partes aumentava e o comércio seguia paralisado, com pressão dos comerciantes britânicos para que o imbróglio se resolvesse.⁴⁰

A Guerra do Ópio foi, portanto, o resultado de um embate que interligou a preocupação das autoridades chinesas com os efeitos devastadores da droga para a saúde de seus consumidores, a desorganização da economia do país asiático e a ação governamental chinesa para interromper o comércio da droga. A China vivenciou uma experiência traumática com esse conflito. Essa “diplomacia das canhoneiras”⁴¹ praticada pelos britânicos era a síntese de um longo desenvolvimento econômico e geopolítico europeu e agora atingia o país asiático. Para John Darwin, a China foi o “caso mais marcante” de associação entre os interesses do comércio e a força militar.⁴² O “caso mais marcante” é um ponto de vista, mas a associação entre guerra e comércio ficou evidente no caso chinês. Por isso, estudiosos do capitalismo concordam que o militarismo é um campo de acumulação do capital e uma arma da concorrência dos países capitalistas para dominar os “territórios de civilização não capitalista”.⁴³

Entre os muitos fatores elencados por Peer Vries para explicar o desenvolvimento britânico em particular e o de outras regiões da Europa em geral foi a prática da guerra como um instrumento para gerar receitas para o Estado. A Guerra do Ópio, a primeira guerra da China com um país do Ocidente, manifestou abertamente as diferenças entre o desenvolvimento econômico e político dos dois países em conflito, num momento em que os estudiosos afirmam que a divergência entre o “Ocidente” e o “Resto” já era uma realidade.⁴⁴ O exército chinês contava, na época, com soldados com espadas (espadachins) e arcos, sendo suas armas consideravelmente menos eficientes do que as britânicas. Ao contrário, os britânicos enviaram dezesseis navios de guerra, com 540 peças de artilharia, 4 *steamboats* armados e 30 barcos com quatro mil soldados. Eles

40 SPENCE, J. D. *Em busca da China Moderna: quatro séculos de História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 167. GRACE, R. J. *Opium and Empire: the Lives and Career of William Jardine and James Matheson*. Montreal: Mc Gill-Queen’s University Press, 2014. p. 275.

41 NAYYAR, D. *A corrida pelo crescimento: países em desenvolvimento na economia mundial*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014. p. 76.

42 DARWIN, J. *The Empire Project: the Rise and Fall of the British World-System, 1830-1970*. New York: Cambridge University Press, 2009. p. 40.

43 LUXEMBURGO, R. *A acumulação do Capital*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021. p. 455.

44 FRANK, A. G. *ReOrient: Global Economy in the Asian Age*. Berkeley: University of California Press, 1998. BRYANT, J. M. “The West and the Rest Revisited: debating capitalist origins, European Colonialism, and the Advent of Modernity”. *Canadian Journal of Sociology*, Edmonton, v. 31, n. 4, p. 403-444, 2006.

fizeram a guerra a milhas de distância contra um país que lutou em seu próprio território, um país com cerca de 400 milhões de habitantes. E os britânicos venceram.⁴⁵ O resultado, além da derrota militar, foi o primeiro de uma série de tratados vexaminosos que a China teve de aceitar. Portanto, esse é um momento histórico paradigmático, um *turning point* na história da China, uma *Era das Revoluções* que começava a atingir a Ásia de modo mais intenso. A China vivenciou o resultado de um longo processo histórico em que a violência foi determinante para que a Grã-Bretanha conseguisse subjugar povos em várias partes do mundo, extrair excedentes, canalizá-los para suas fronteiras e promover o crescimento econômico de suas forças produtivas. Essas práticas foram cruciais para consolidar a “grande divergência” entre a China e a Grã-Bretanha.⁴⁶

O Tratado de Nanquim, que pôs fim à guerra, foi assinado em 29 de agosto de 1842 a bordo do navio britânico *Cornwallis*, ancorado no rio Yangtze, e ratificado em Hong Kong dez meses mais tarde. Contendo doze artigos, o tratado forçou a abertura dos portos de Cantão, Fuzhou, Xiamen, Ningbo e Xangai para o comércio com os britânicos. Além dessa abertura forçada dos portos chineses, o tratado estipulou a abolição do sistema de *Cohong*. Adicionalmente, previa o pagamento de 6 milhões de dólares como indenização pelo ópio destruído e mais 12 milhões como ressarcimento pelos combates. Por fim, Hong Kong seria cedida para os britânicos “à perpetuidade”. Os termos gerais do tratado já haviam sido debatidos por Jardine e Palmerston nos dois últimos meses de 1839, quando os preparativos para a guerra já estavam sendo delineados.⁴⁷ Firmava-se, então, um padrão que a China experimentaria nas décadas seguintes: uma derrota militar — ou a ameaça de guerra — gerava um tratado insidioso e prejudicial à soberania do país.

Uma das consequências do Tratado de Nanquim foi que outras potências expansionistas, especialmente a França e os Estados Unidos, analisaram seus termos e assinaram, posteriormente, acordos próprios com o governo Qing. Em 1844, o ministro plenipotenciário dos Estados Unidos, Caleb Cushing, assinou o Tratado de Wanghia.⁴⁸

45 VRIES, P. *State, Economy and the Great Divergence: Great Britain and China, 1680's-1850's*. London: Bloomsbury Publishing Plc, 2015. p. 310.

46 Como escreveu Peer Vries, “For the specific case of Great Britain, as we will see, several scholars have emphasized war and preparation for war are not necessarily bad for economic development”. VRIES, P. *State, Economy and the Great Divergence: Great Britain and China, 1680's-1850's*. London: Bloomsbury Publishing Plc, 2015. p. 310. p. 312-313.

47 SPENCE, J. D. *Em busca da China Moderna: quatro séculos de História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 169. GRACE, R. J. *Opium and Empire: the Lives and Career of William Jardine and James Matheson*. Montreal: Mc Gill-Queen's University Press, 2014. p. 250-251; 293.

48 Segundo Spence, Wanghia era uma pequena aldeia, próxima a Macau, e foi o local onde o tratado foi concluído e assinado SPENCE, J. D. *Em busca da China Moderna: quatro séculos de História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 171.

O documento permitia a ação de missionários protestantes na China, com a autorização para construir igrejas, cemitérios e hospitais. Além disso, os cidadãos norte-americanos poderiam aprender chinês, algo anteriormente proibido pelo governo Qing. Uma cláusula também previa que os crimes cometidos por cidadãos dos Estados Unidos seriam julgados por cônsules do seu país ou por outras autoridades.⁴⁹

Em outubro do mesmo ano, os franceses conseguiram o seu próprio tratado. O princípio da extraterritorialidade, aplicado a crimes cometidos por cidadãos franceses, também estava previsto no tratado. Havia apenas um adendo, qual seja, o de que, na ausência de alguma autoridade francesa, o cidadão francês seria julgado por alguém de outra potência ocidental. Cláusulas referentes à ação de missionários católicos e protestantes na China, esses últimos contemplados com um acordo complementar em 1845, também estavam previstas. Como resumiu Jonathan Spence, após seis anos da nomeação de Lin Zexu como comissário imperial para a repressão ao tráfico de ópio, a dinastia Qing, “ao invés de defender a sua integridade contra tudo e contra todos, havia perdido o controle sobre elementos vitais das políticas comercial, social e de relações exteriores da China”.⁵⁰

A partir desse momento, as instabilidades internas e externas cresceriam de modo avassalador. Na década de 1840, a China enfrentou crises de diversas ordens, o que resultou em sérias tensões sociais na década seguinte. Por essa época, o país apresentava sinais de “estrangulamento ecológico” devido a anos de crescimento populacional e uso intensivo de recursos. Os casos mais críticos localizavam-se nas regiões ao norte do país, com preocupantes problemas ambientais e intenso desmatamento.⁵¹ Na década de 1850, tensões sociais levariam a graves rebeliões internas.

Essas rebeliões questionaram o poder da Dinastia Qing, debilitando ainda mais o país diante das potências ocidentais. Entre todas elas, destaca-se a Rebelião dos Taipings, provavelmente o conflito mais violento do século XIX. Simultaneamente, enquanto as rebeliões desafiavam o poder da dinastia, teve início a Segunda Guerra do Ópio (1856-1860). A China enfrentou uma experiência de guerras civis e ataques externos nos anos seguintes à Primeira Guerra do Ópio.⁵² Também neste momento histórico, as migrações de chineses para diversas partes da economia mundial ganharam grande impulso. Os

49 SPENCE, J. D. *Em busca da China Moderna: quatro séculos de História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 171-172.

50 SPENCE, J. D. *Em busca da China Moderna: quatro séculos de História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 172.

51 POMERANZ, K. *A Grande Divergência: a China, a Europa e a construção da economia mundial moderna*. Lisboa: Edições 70, 2013. p. 403-404.

52 SPENCE, J. D. *Em busca da China Moderna: quatro séculos de História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. CHANG, J. *A imperatriz de ferro: a concubina que criou a China moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

trabalhadores sob contrato, considerados livres pela ideologia liberal do século XIX, foram brutalmente explorados em Cuba, no Peru, em regiões do México, Estados Unidos e colônias britânicas na África.⁵³ Angus Maddison oferece uma boa dimensão da catástrofe demográfica ocorrida nesse momento histórico. O autor estima que as províncias de Anhui, Zhejiang, Hubei, Jiangxi e Jiangsu, fortemente atingidas pela Rebelião dos Taipings, tinham uma população de 153,9 milhões de pessoas em 1819 e de 101,8 milhões em 1893. A guerra civil terminou em 1864. As províncias de Gansu, Shaanxi e Shanxi, vitimadas por revoltas muçulmanas, tiveram sua população reduzida de 41,3 milhões para 26,8 milhões no mesmo período. O número direto de mortes das duas rebeliões é (sub)estimado em 34 milhões. Já nas outras províncias a população cresceu em 74 milhões no período acima indicado.⁵⁴ A catástrofe demográfica também é demonstrada pelos números apresentados pelo historiador Shi Zhihong. Em 1851, o primeiro ano do governo do imperador Xianfeng, a população estimada da China estava entre 414 e 429 milhões de pessoas aproximadamente. No ano de 1865, após a destruição dos movimentos mencionados, a população chinesa compreendia algo em torno de 237 a 260 milhões de “homens e mulheres, adultos e crianças”, como as fontes consultadas informam. Para o autor, a população da China só retornou aos números anteriores aos do início da década de 1850 no final dos anos 1880.⁵⁵

O caos interno desorganizou vastas áreas agrícolas na China, como evidenciado nas províncias de Yunnan e Guizhou, localizadas no sudoeste do país e fortemente vitimadas pela rebelião dos Taipings. Após o término da guerra civil, a produção agrícola nessas províncias foi severamente atingida. Em muitas localidades, a agricultura tornou-se extensiva, porque os agricultores abastados tinham mais recursos para fertilizar eficientemente suas terras, enquanto os agricultores mais pobres, premidos pela pobreza, vivenciaram sérios problemas para praticar uma produção agrícola eficiente. Isso resultou em constantes quebras de safra em diversas regiões, desencadeando crises agudas na produção de alimentos. O caráter extensivo da agricultura, a escassez de gado em muitas áreas devido aos graves conflitos internos, a desestruturação dos sistemas de irrigação e de armazenamento de água, juntamente com a frequência dos desastres naturais impactaram a produção agrícola até pelo menos a virada do século XX.⁵⁶ A ação do imperialismo ocidental agravou ainda mais essa situação.

53 SANTOS, M. A. dos. “Migrações e trabalho sob contrato no século XIX”. *História Assis*, v. 36, p. 1-24, 2017.

54 MADDISON, A. *Chinese Economic Performance in the Long Run: 960-2030 AD*. Paris: OECD Publishing, 2007.

55 ZHIHONG, S. *Agricultural Development in China: a Quantitative Study, 1661-1911*. Leiden: Brill, 2018. p. 191-194.

56 ZHIHONG, S. *Agricultural Development in China: a Quantitative Study, 1661-1911*. Leiden: Brill, 2018. p. 83-84.

Em meio a graves perturbações internas e externas, uma concubina que foi consorte do falecido imperador Xianfeng (1831-1861) conseguiu com muita habilidade organizar um golpe de Estado e passou a governar efetivamente a China. A partir de 1861, data em que se efetivou o golpe da imperatriz-viúva Cixi, a política chinesa seria fortemente influenciada pelas diretrizes enunciadas por ela e por seus apoiadores. Essas diretrizes levantariam uma outra ordem de problemas para a China. De um lado, um grupo de príncipes xenófobos estimulava revoltas contra os ocidentais que se estabeleceram na China com a abertura forçada dos portos. Por outro lado, importantes políticos chineses, incluindo a imperatriz-viúva Cixi, o Príncipe Chun e o Conde Li, defendiam uma postura mais conciliatória com os ocidentais e uma atitude de aprendizado das inovações decorrentes da Revolução Industrial. A gravidade dessa oposição pode ser exemplificada pelos distúrbios anticristãos em 1870 em Tianjin,⁵⁷ que resultaram na morte de diversos agentes franceses e de chineses convertidos ao catolicismo, quase levando a mais um conflito entre a China e uma potência ocidental. Além disso, a Guerra dos Boxers, que ocorreu entre os anos de 1898 e 1900, destacou mais uma vez a oposição aos estrangeiros e a xenofobia como fatores desencadeadores de uma violência desmedida.⁵⁸

Mas a situação era mais complexa. Além dos desafios externos, outros grupos opositores surgiram. Muitos de seus líderes aceitavam o modelo Ocidental de modernização, invocavam uma reinterpretação dos clássicos chineses e conspiravam contra o governo Qing, buscando derrubá-lo a todo custo. Dois líderes dessa última corrente política, Kang Youwei e Sun Yat-sen, escolheram o Japão como base para tramarem contra a dinastia manchú e implementar reformas políticas e econômicas na China. Em 1898, Kang Youwei, também conhecido como Raposa Selvagem, orquestrou uma trama para ganhar influência sobre o imperador Guangxu, percebido como fraco e sem personalidade. Cixi, por sua vez, bloqueou as iniciativas de Kang, enfrentando uma tentativa de golpe para matá-la. Essa conspiração envolveu funcionários corruptos cooptados por Kang, muitos dos quais eram admiradores do crescimento econômico japonês. A partir do final de setembro de 1898, Cixi conseguiu organizar um contragolpe, resultando na prisão domiciliar de Guangxu. Com isso, até sua morte em

57 Tianjin é a cidade onde foi assinado o Tratado de 1858 entre a China e a Grã-Bretanha. O não cumprimento dos termos desse tratado foi um dos motivos para a eclosão da Segunda Guerra do Ópio e a posterior destruição do Antigo Palácio de Verão. Esse Tratado obrigou a abertura forçada de mais portos chineses ao comércio com os ocidentais CHANG, J. *A imperatriz de ferro: a concubina que criou a China moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. p. 50-59.

58 CHANG, J. *A imperatriz de ferro: a concubina que criou a China moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

15 de novembro de 1908, Cixi governou sem impedimentos o país, ditando as diretrizes para a modernização chinesa em um contexto crítico.⁵⁹

Em todos esses conflitos, os países imperialistas se aproveitaram da debilidade do governo chinês para impor tratados insidiosos. Esses tratados são uma das marcas desse período em que a China foi subjugada pelos países estrangeiros. A “era dos tratados” teve início com o Tratado de Nanquim, como já mencionado. No seu rastro, vários outros foram impostos à China, todos seguindo o padrão ocidental de estabelecer um acordo após uma vitória em campo de batalha ou diante da ameaça de guerra. Em todos eles, a China foi obrigada a pagar indenizações, sendo o Tratado de Shimonoseki, assinado com o Japão em abril de 1895, o mais duro de todos, impressionando as potências ocidentais por seus termos financeiros. Nesse tratado, além da indenização extorsiva, mais quatro portos foram abertos para o comércio, e as Ilhas de Pescadores,⁶⁰ Taiwan e a região de Liaodong passaram para o controle japonês “para sempre”. A intervenção dos russos, alemães e franceses levou o Japão a desistir de Liaodong mediante um aumento na indenização.⁶¹ Por essa época, o Japão estava em pleno desenvolvimento econômico e adotava uma abordagem imperialista. Cerca de 70% do financiamento para o programa de equipagem e estruturação da marinha de guerra japonesa teve origem na indenização paga pelo governo chinês.⁶²

Como se viu, os tratados impuseram a abertura forçada de portos aos chineses, bem como a ocupação desses portos pelos estrangeiros, além de proteção jurídica dos cidadãos dos países agressores. Segundo os estudiosos, essa associação entre comércio e guerra, praticada pelos países ocidentais e pelo Japão, era desconhecida dos chineses.⁶³ Em outros termos, é preciso compreender o imperialismo das potências europeias em termos de intervenções proativas do Estado para proteger os negócios dos capitalistas e abrir mercados pelo uso da violência, com o militarismo cumprindo um papel essencial para promover o crescimento econômico.⁶⁴

59 CHANG, J. *A imperatriz de ferro: a concubina que criou a China moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. CHENG, A. *História do pensamento chinês*. Petrópolis: Vozes, 2018. p. 704-708. VOGEL, E. F. *China and Japan facing history*. London: The Belknap Press of Harvard University Press, 2019. p. 137-138.

60 Trata-se de um arquipélago localizado entre Taiwan e a China continental.

61 SPENCE, J. D. *Em busca da China Moderna: quatro séculos de História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 228. CHANG, J. *A imperatriz de ferro: a concubina que criou a China moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. p. 245-247.

62 VRIES, P. *Averting the Great Divergence. State and Economy in Japan, 1868-1937*. London, Bloomsbury Publishing Plc, 2020. p. 94.

63 MAHBUBANI, K. *A China venceu? O desafio chinês à supremacia americana*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2021.

64 VRIES, P. *State, Economy and the Great Divergence: Great Britain and China, 1680's-1850's*. London: Bloomsbury Publishing Plc, 2015. Vries argumenta que o papel e a função do Estado foram notavelmente diferentes na China e na Grã-Bretanha, e essas diferenças desempenharam uma influência significativa no desenvolvimento econômico. Esse entendimento é fundamental para compreender a modernização ao estilo

Após o Tratado de Shimonoseki e o recuo parcial do Japão sobre a região de Liaodong, alemães, russos, franceses e britânicos retomaram a pressão sobre a China, aproveitando-se da fragilidade do país para conseguir alguns acordos vantajosos e novas exigências territoriais. A Alemanha pressionou o governo do imperador Guangxu para tomar posse da baía de Jiaozhou, na província de Shandong e, diante da resistência do governo chinês, o Kaiser Guilherme II ordenou o uso de “um pouco de força”. Navios alemães começaram a patrulhar o litoral chinês até encontrarem um pretexto, que surgiu no início de novembro de 1897, quando dois missionários alemães foram assassinados em Shandong. Em resposta, uma frota alemã chegou a Qingdao e apresentou um ultimato exigindo que a China entregasse o porto em 48 horas. Preocupado com a possibilidade de uma nova guerra, o imperador Guangxu enviou ordens claras ao governador da província para não resistir às ameaças da Alemanha. Cixi aconselhou o imperador a aceitar as exigências alemãs após demitir esse governador, um nacionalista que preocupava os governantes Qing e alguns meses depois estaria liderando os boxers. A Convenção que entregou o porto de Qingdao foi assinada em Pequim em 6 de março de 1898. Mais uma vez, a China cedeu diante das ameaças de uma potência ocidental.⁶⁵

Uma semana após o tratado com os alemães, belonaves russas chegaram em Port Arthur, na península de Liaodong, a mesma região que o Japão havia tomado e devolvido, principalmente por insistência dos alemães. A Rússia ameaçou iniciar exercícios militares, mas recuou ao subornar dois funcionários chineses: o conde Li, responsável pela assinatura da Convenção com os alemães em março, e Sir Chang Yinhuan, o responsável designado para negociar com os russos. Ambos aceitaram o suborno, cientes de que pouco poderia ser feito para defender a China em caso de um novo conflito, e o tratado foi assinado em 27 de março de 1898. Port Arthur, no extremo sul da cobiçada península de Liaodong, ficaria sob domínio da Rússia por 25 anos.⁶⁶ Em um mês, russos e alemães fizeram exigências territoriais, ameaçaram uma guerra e

chinês a partir do final da década de 1970 e o período de humilhações que a China vivenciou no longo século XIX. A fragilidade do Estado chinês em resistir às investidas dos países imperialistas foi um elemento central no chamado “século da humilhação”. Desde 1839, a China mostrou-se um país frágil frente à agressividade ocidental. A resposta da China às mudanças econômicas globais e às investidas militaristas dos países do Ocidente foram, em muitos aspectos, semelhantes às realizadas pelo Japão. Contudo, o resultado foi marcadamente diferente. Para uma comparação com o Japão, ver o trabalho de VRIES, P. *Averting the Great Divergence: State and Economy in Japan, 1868-1937*. London, Bloomsbury Publishing Plc, 2020; VOGEL, E. F. *China and Japan facing history*. London: The Belknap Press of Harvard University Press, 2019.

65 CHANG, J. *A imperatriz de ferro: a concubina que criou a China moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

66 Em 1905, o Japão conquistou a região de Liaodong, que incluía Port Arthur. Essa conquista ocorreu após a derrota dos russos na guerra contra os japoneses. VOGEL, E. F. *China and Japan facing history*. London: The Belknap Press of Harvard University Press, 2019. p. 129; VRIES, P. *State, Economy and the Great Divergence: Great Britain and China, 1680-1850*. London: Bloomsbury Publishing Plc, 2015. p. 48.

conseguiram seus objetivos. A fragilidade da China era evidente, e o receio de que o país fosse retalhado pelos interesses dos países imperialistas era real. No ano de 1898, britânicos e franceses voltaram suas atenções novamente para a China e obtiveram novas concessões territoriais. Os britânicos receberam concessões no nordeste da China, próximo ao local onde ocorreu a guerra entre chineses e japoneses, enquanto os franceses arrendaram o porto de Zhanjiang, no Sudeste, por 99 anos, e obtiveram permissão para construir uma ferrovia entre Hanoi e Kunming. Nessa época, os franceses estavam consolidando seu domínio na Indochina.⁶⁷

Nesses anos tumultuosos, Pequim, a capital da China, foi invadida duas vezes pelas potências estrangeiras. A primeira ocorreu durante a Segunda Guerra do Ópio, em 1861, quando tropas francesas e britânicas chegaram à capital e saquearam e destruíram o Antigo Palácio de Verão. A notícia da destruição desse imenso palácio repercutiu na Europa e a ação dos soldados invasores foi duramente criticada. Pequim foi atacada pela segunda vez em consequência do caos provocado pelos boxers, em 1900. Nessa ocasião, uma força alemã ocupou o Palácio de Verão reconstruído por ordem da imperatriz-viúva Cixi. A beleza do Palácio maravilhou os invasores e seu comandante, o conde alemão Von Waldersse. Mais uma vez ocorreram saques, embora Jung Chang considere que a destruição na segunda invasão foi inferior à primeira.⁶⁸ Nas duas oportunidades, a corte se abrigou em lugares distantes e protegidos dos invasores.

Essas agressões mostram que o caso da China permite entender como os europeus subjogavam povos estrangeiros. O vencedor do conflito ganhava o butim, pagamentos do país derrotado, territórios e a fragilização de um potencial competidor. Os europeus desenvolveram a habilidade de praticar a violência e utilizá-la para alcançar ganhos econômicos.⁶⁹ A China viveu essa história de maneira traumática. Além disso, o país incorporou-se à economia mundial capitalista por meio do endividamento externo e do comprometimento das receitas fiscais para o pagamento das dívidas contraídas em empréstimos e tratados com as potências estrangeiras. Como resultado, a carga fiscal

67 CHANG, J. *A imperatriz de ferro: a concubina que criou a China moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014; VOGEL, E. F. *China and Japan facing history*. London: The Belknap Press of Harvard University Press, 2019. p. 129.

68 CHANG, J. *A imperatriz de ferro: a concubina que criou a China moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

69 VRIES, P. *State, Economy and the Great Divergence: Great Britain and China, 1680's-1850's*. London: Bloomsbury Publishing Plc, 2015. LUXEMBURGO, R. *A acumulação do Capital*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021. Importante sublinhar que o Japão e os Estados Unidos, dentro de suas particularidades, seguiram por um caminho semelhante na sua atuação imperialista. Para o caso do Japão, consultar o recente trabalho de VRIES, P. *Averting the Great Divergence. State and Economy in Japan, 1868-1937*. London, Bloomsbury Publishing Plc, 2020. VOGEL, E. F. *China and Japan facing history*. London: The Belknap Press of Harvard University Press, 2019.

suportada pelos chineses, especialmente pela agricultura chinesa, aumentou significativamente ao longo da segunda metade do século XIX.⁷⁰

Se a guerra fez os Estados e os Estados fizeram guerras, como enunciou o historiador Charles Tilly,⁷¹ poderíamos questionar se a China foi vítima do modo ocidental de fazer as guerras, uma decorrência do desenvolvimento econômico de muitos países europeus no século XIX. Ao analisarmos um momento crítico da história chinesa, podemos buscar uma resposta para essa indagação. A incorporação não se deu por iniciativa da China, mas ocorreu de forma traumática, posicionando o país numa condição periférica no contexto do desenvolvimento do capitalismo no longo século XIX.⁷² Esse processo teve início com a Guerra do Ópio em 1839 e, segundo a perspectiva do governo chinês, terminou em 1949.⁷³

As linhas de força da incorporação chinesa podem ser observadas nos interesses comerciais das potências estrangeiras. As aberturas forçadas dos portos chineses, a atuação crescente dos missionários ocidentais, o comércio de mercadorias chinesas apreciadas no Ocidente (porcelana, seda, chá), a exploração de matérias-primas no interior do país como o carvão e o minério de ferro, demandando a construção de ferrovias, a introdução de mercadorias importadas no mercado chinês, sendo o ópio o exemplo mais evidente, a drenagem de prata para as mãos de comerciantes imperialistas, enfim, todas essas práticas do capitalismo imperialista construíram circuitos de mercadorias que vincularam a China à economia mundial, fazendo com que o país asiático perdesse o controle sobre sua soberania. Esse processo histórico, anteriormente centrado no eixo Macau-Cantão, reconfigurou-se no século XIX, a partir da Primeira Guerra do Ópio, num processo de agressões e tratados que subjugarão a China.

Os chineses responderam a esses desafios com suas armas precárias e limitadas diante das potências que experimentaram a Revolução Industrial. Em muitos sentidos, eles fracassaram. Porém, aos poucos, se desenvolveu entre políticos chineses a percepção

70 DARWIN, J. *The Empire Project: the Rise and Fall of the British World-System, 1830-1970*. New York: Cambridge University Press, 2009. p. 132-133. VIZCARRA, C. “Guano, Credible Commitments, and Sovereign Debt Repayment in Nineteenth-Century Peru”. *The Journal of Economic History*, v. 69, n. 2, p. 358-387, jun. 2009. LUXEMBURGO, R. *A acumulação do Capital*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021. p. 417-445. Sobre a carga fiscal suportada pelos camponeses chineses, Shi Zhihong escreveu: “in comparison with that in early Qing, Government taxes borne by farmers had increased by at least 25% in the late Qing period ZHIHONG, S. *Agricultural Development in China: a Quantitative Study, 1661-1911*. Leiden: Brill, 2018.

71 TILLY, C. *Coercion, Capital, and European States: AD 990-1990*. Cambridge, MA and Oxford 1990.

72 Segundo Wallerstein, “the model we are using involves three successive moments for a ‘zone’ — being in the external area, being incorporated, and being peripheralized. None of these moments is static; all of them involve processes” WALLERSTEIN, I. *The Modern World-System III: the Second Era of Great Expansion of the Capitalist World-Economy, 1730-1840s*. San Diego, California: Academic Press, Inc. 1989. p. 129-130.

73 MAHBUBANI, K. *A China venceu? O desafio chinês à supremacia americana*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2021.

de que era preciso aprender com o Ocidente. Desse modo, o princípio de “aprender com o Ocidente” tornou-se um modelo para uma série de programas reformistas implementados a partir da década de 1860, durante o reinado de Tongzhi.⁷⁴ Desse momento em diante, várias políticas foram executadas para fortalecer a China frente às potências estrangeiras. Entre elas, podemos citar, sem pretender esgotar o número de medidas colocadas em prática, a melhoria das receitas alfandegárias do país, sob o comando de um irlandês chamado Robert Hart, que agiu com sucesso no incremento da cobrança de impostos para o Estado, a aceitação do uso de tecnologias ocidentais (ferrovias, telégrafos, eletricidade), a necessidade de industrializar o país e, portanto, importar maquinário, o estímulo para viagens ao exterior de autoridades do alto escalão do governo e o incentivo para que chineses estudassem em países ocidentais. Além disso, houve reformas no currículo escolar em diferentes níveis e a fundação da Universidade de Pequim em 1898.⁷⁵ O modelo dessas medidas reformistas se refletiria mais tarde, na década de 1970, com as reformas defendidas por Deng Xiaoping. A China aprendeu com o Ocidente, mas para conhecer o Ocidente, a China sangrou.

Esse foi um movimento de muitos “países atrasados”, para usar a terminologia de Alexander Gerschenkron. No mesmo período, o Japão experimentou uma situação semelhante, mas seus resultados foram notavelmente distintos em comparação com a China.⁷⁶ Uma estratégia chave para impulsionar o processo de modernização envolveu a possibilidade de o país atrasado absorver de modo produtivo a “reserva de inovações tecnológicas” de “países avançados”. Nesse sentido, na busca pela modernização, a China competiu com países mais adiantados e outros em desenvolvimento, submetendo-se a alguns deles e sendo condicionada por suas práticas. Igualmente, é crucial considerar um background ecológico-econômico. O país precisa contar com uma “dotação de recursos naturais” ou um “alívio ecológico”, como escreveu Pomeranz. Além disso, é essencial eliminar os obstáculos institucionais, exigindo uma reconfiguração quase revolucionária do Estado. Esses três pontos mostram as dimensões relacional e dispendiosa do atraso. A China encontrou dificuldades em todos eles.⁷⁷

74 O imperador Tongzhi governou de 1861 a 1875. Entretanto, durante a maior parte de seu governo, a imperatriz-viúva Cixi foi quem efetivamente implementou as diretrizes da incorporação que a China foi compelida a aceitar.

75 CHANG, J. *A imperatriz de ferro: a concubina que criou a China moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. SPENCE, J. D. *Em busca da China Moderna: quatro séculos de História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

76 VRIES, P. *Averting the Great Divergence. State and Economy in Japan, 1868-1937*. London, Bloomsbury Publishing Plc, 2020. VOGEL, E. F. *China and Japan facing history*. London: The Belknap Press of Harvard University Press, 2019.

77 GERSCHENKRON, A. *O atraso econômico em perspectiva histórica e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Contraponto: Centro Internacional Celso Furtado, 2015. p. 70; 109. POMERANZ, K. *A Grande Divergência: a China, a Europa e a construção da economia mundial moderna*. Lisboa: Edições 70, 2013.

Além disso, a própria lógica de “aprender com o Ocidente” apresentava suas armadilhas, porque, para se modernizar, o país adotava como estratégia a compra de tecnologia advéncia, importando capitais e aumentando com isso sua dependência financeira frente às potências imperialistas. Tudo isso agudizou a condição de atraso da China.

De qualquer forma, desde pelo menos a década de 1860, intelectuais chineses começaram a abraçar a noção de modernização, defendendo a aplicação prática do conhecimento e das técnicas do Ocidente. Simultaneamente, eles tentaram preservar, de maneira instável e crítica, os ensinamentos chineses como um “fundamento constitutivo”, como teorizado por intelectuais como Feng Guifen (1809-1874) e Zhang Zhidong (1837-1909). Em outros termos, a estratégia de modernização consistia em “enfrentar o Ocidente com suas próprias armas” para refortalecer o país. A pressão geopolítica agressiva dos países Ocidentais e do Japão, aliada à crescente fragilidade da China nesse cenário, levou a um incremento no modo como intelectuais e políticos chineses encaravam os desafios da modernização.

Na passagem para o século XX, emergiu a ideia de “autofortalecimento”, mantendo os parâmetros surgidos anteriormente na década de 1860. Contudo, houve uma mudança significativa: após a guerra sino-japonesa de 1894-1895, o Japão tornou-se um modelo para a China. Isso resultou em uma maior cooperação entre os dois países nas áreas da educação, ciência, política e pesquisa. O número de estudantes chineses no Japão aumentou na primeira década do século XX, chegando a cerca de dez mil em 1905. Muitos deles foram empregados pelo governo chinês quando retornaram ao seu país. Outros, no entanto, formaram uma base forte de oposição à dinastia Qing.⁷⁸ Como resultado, tanto o Ocidente quanto o Japão foram mais estudados pelos chineses. Isso gerou um debate entre intelectuais e ativistas políticos sobre a melhor abordagem para modernizar o país: reformismo ou revolução.⁷⁹

Como visto, a China não logrou eliminar suas limitações e desafios no “século da humilhação”. O caso chinês nesse momento de incorporação é emblemático, revelando um país que sucumbiu frente à agressividade e aos interesses econômicos das potências ocidentais e do Japão. As tentativas de autofortalecimento empreendidas pelo governo Qing apenas acentuaram sua condição de atraso. Contudo, a partir da década de 1970, com a incorporação da China à economia mundial adquirindo uma nova dinâmica

78 VOGEL, E. F. *China and Japan facing history*. London: The Belknap Press of Harvard University Press, 2019. p. 132-174.

79 CHENG, A. *História do pensamento chinês*. Petrópolis: Vozes, 2018. p. 702. SPENCE, J. D. *Em busca da China Moderna: quatro séculos de História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 230.

econômica, o país reconfigurou suas relações geopolíticas e implementou medidas para superar suas dificuldades econômicas.

Considerações finais entre o presente e o futuro

O “século da humilhação”, ou o primeiro período de incorporação da China à economia mundial capitalista, serve como contraponto para situar a China no cenário global do século XXI. As palavras de Wang Wenbin, porta-voz do Ministério das Relações Exteriores da China, podem ser usadas como medida para se entender o posicionamento do país no cenário internacional. Manifestando-se contra as ações da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) na Ásia e a concepção de países ocidentais, especialmente dos Estados Unidos, de que a China representaria uma ameaça sistêmica ao mundo, Wenbin afirmou que

a China tem o melhor histórico de paz e segurança. Nunca invadimos nenhum país nem nos envolvemos em nenhuma guerra por procuração. Nunca conduzimos operações militares globais, ameaçamos outros países com força, exportamos ideologia nem interferimos nos assuntos internos de outros países. Não criamos nem participamos de grupos militares e nos opomos ao uso da força ou à ameaça da força nas relações internacionais. Como a China poderia representar ‘desafios sistêmicos’ para a Otan?⁸⁰

Nas palavras do porta-voz chinês, a atuação das potências ocidentais na Ásia hoje ecoa um passado de agressões sofridas pela China. Além disso, mostra que, historicamente, a China não desenvolveu o hábito de recorrer a meios militares como expressão de poder. Pelo contrário, a postura defensiva, com o intuito de salvaguardar a integridade territorial e a soberania, é a “ênfase da política militar chinesa contemporânea”.⁸¹

Os eventos ocorridos entre 1839, início da Guerra do Ópio, e 1949, vitória da Revolução Comunista na China, são até hoje lembrados e repudiados. Esse passado ajuda a entender outro elemento da modernização atual da China, qual seja, o investimento nas Forças Armadas e a ascensão do país como potência militar. Por outro lado, as ZEE podem ser consideradas uma abertura dos portos chineses ao comércio internacional para favorecer o investimento do capital estrangeiro. Contudo, é crucial

80 *BRASIL 247*. “China pede que Otan pare com ‘tentativa perigosa’ de desestabilizar Europa e Ásia-Pacífico”. 13 jul. 2023. Disponível em: «<https://www.brasil247.com/mundo/china-pede-que-otan-pare-com-tentativa-perigosa-de-desestabilizar-europa-e-asia-pacifico>». Acesso em: 26 jul. 2023.

81 MAHBUBANI, K. *A China venceu? O desafio chinês à supremacia americana*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2021. p. 107.

notar que essa abertura foi planejada pelo governo chinês, não forçada, como as aberturas comerciais decorrentes dos tratados impostos à China na sequência de diversas guerras e ameaças dos países ocidentais e do Japão. Também as ZEE reverberam o princípio de “aprender com o Ocidente” que foi capitaneado por governantes chineses no século XIX para enfrentar os duros desafios da incorporação. Porém, a China não copiaria modelos, como defendeu um dos mais importantes economistas chineses do século XX, Xue Muqiao (1904-2005). De acordo com Isabela Weber, Xue argumentou que a China deveria aproveitar “o melhor de cada país” e buscar “seu próprio caminho”. Weber conclui que ao seguir essa abordagem, a China conseguiu implementar suas reformas econômicas de forma planejada, evitando grandes turbulências sociais e crises econômicas severas, apesar dos desafios enfrentados durante a transição para a abertura econômica.⁸²

A modernização da China a partir do final da década de 1970 é inquestionável e apresenta diversas facetas. Atualmente, qualquer pessoa que leia a respeito pode facilmente observar que o país contempla o passado como um período de sujeição que não deve ser esquecido, mas também projeta seu olhar para o futuro. Nesse olhar para a frente, destacam-se pesquisas na área de engenharia, voltadas para a melhoria do uso de recursos energéticos — afinal, não há crescimento econômico sem energia —, com o objetivo de aumentar o controle da poluição e reduzir impactos ambientais, malgrado os problemas visíveis como a poluição atmosférica, entre outras questões ambientais.

As mudanças ocorridas na China desde o final da década de 1970 até hoje são impressionantes. O Produto Interno Bruto teve um salto espetacular. Seu crescimento constante e vigoroso transformou diversos setores da vida cotidiana, como o aumento do número de visitantes estrangeiros para o turismo ou negócios e o crescente uso do automóvel como meio de transporte, substituindo as bicicletas. O resultado evidente da intensa industrialização, consequência direta do crescimento econômico promovido a partir das ZEE, foi um drástico incremento da emissão de carbono e um alto consumo de energia elétrica. Outro dado importante foi a redução da pobreza. Embora a situação ainda possa melhorar para muitos chineses, é certo que a vida na China hoje é muito melhor e mais dinâmica do que a dos quase um bilhão de pessoas no final da década de 1970, quando tiveram início as reformas econômicas.⁸³

A trajetória de modernização da China a partir do final da década de 1970 não foi linear nem suave. Os gargalos do superaquecimento econômico apareceram de modo

82 WEBER, I. M. *Como a China escapou da terapia de choque: o debate da reforma de mercado*. São Paulo: Boitempo, 2023. p. 218.

83 SPENCE, J. D. *Em busca da China Moderna: quatro séculos de História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

evidente: os déficits da balança comercial, a inflação, os problemas no fornecimento de energia, a poluição. Na década de 1980, ocorreram muitos casos de corrupção, o que abasteceu a oposição às reformas econômicas defendidas por Deng Xiaoping.⁸⁴ Algumas ZEE não atraíram investimentos estrangeiros suficientes devido a várias razões, incluindo a presença de funcionários corruptos. A corrupção foi amplamente debatida e combatida. Houve um aumento da migração para as cidades, e as pressões por moradia tornaram-se frequentes. Em decorrência de medidas de liberalização política e do afrouxamento do controle estatal, os protestos, inclusive de nacionalidades minoritárias, também aumentaram. Surgiram vozes que associavam a modernização à democracia, questionando o modo de governar do Partido Comunista Chinês. Acompanhando tudo isso, problemas econômicos como a inflação e acirradas lutas internas dentro do PCC marcaram de modo indelével a década de 1980 e o início dos anos 1990.⁸⁵ No plano externo, tensões pontuais com os EUA, com o caso do espião Larry Chin, em meados da década de 1980, e com a União Soviética, por questões geopolíticas relativas ao Vietnã e ao Camboja, mostravam que a China já estava se reposicionando no cenário mundial, num momento de profundas mudanças em função da crise do socialismo na Europa.⁸⁶

Nesse contexto, em primeiro de agosto de 1992, Yang Baibing, um apoiador das reformas propostas por Deng Xiaoping, publicou um artigo no *People's Daily*, jornal de grande circulação no PCC. Defensor da aceleração do programa de reforma e abertura da China, Yang escreveu que

de meados do século XIX a meados do XX, a nação chinesa, manteve-se de pé por mais de 100 anos de lutas heroicas, durante as quais alguém ocupava a brecha quando outro caía, então de meados do século XX a meados do XXI, no decurso de outros 100 anos de lutas, nosso país vai se livrar completamente da pobreza e verdadeiramente seguir, em largas passadas, rumo à condição de nação próspera e desenvolvida, como um gigante do Oriente.⁸⁷

Entre o passado e o futuro, a China reposicionou-se no cenário internacional e transformou-se em grande potência. Para realizar tal intento, a modernização chinesa contou com a abertura para o Ocidente, o fortalecimento tanto das forças armadas,

84 MARTI, M. E. *A China de Deng Xiaoping*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2021. p. 10.

85 WEBER, I. M. *Como a China escapou da terapia de choque: o debate da reforma de mercado*. São Paulo: Boitempo, 2023. p. 220-221.

86 SPENCE, J. D. *Em busca da China Moderna: quatro séculos de História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 666-667.

87 MARTI, M. E. *A China de Deng Xiaoping*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2021. p. 202-203.

tópico principal do discurso de Yang em 1992, quanto do Partido Comunista como orientador das medidas reformistas.

Com a abertura e as reformas, os investimentos estrangeiros voltaram à China, mas não sob os termos vergonhosos do passado, em que pese os inúmeros problemas provocados pela abertura. Por isso, a modernização chinesa tornou-se paradigmática, combinando profundas mudanças econômicas num país com uma população imensa. Essa transformação alterou o estilo de vida de milhões de chineses, elevou o país a um patamar significativo de crescimento econômico e de importância geopolítica global, demonstrando que o Estado, como indutor do crescimento, pode guiar uma melhoria sensível na vida da população.